

Jornal das Senhoras – Tomo I – domingo, 23 de maio de 1852 - Edição 21

Link: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=191>

TOMO I – DOMINGO 23 DE MAIO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

modas, literatura, bellas-artes, theatros e critica.

o programa e condições deste jornal encontrarão-se na ultima pagina.

## MODAS

O promettido é devido, e por isso vamos ao acaso. Por ora, não conheço melhor panacea para todas as especies de molestias do que a distracção; e como o preparar um artigo de modas para vos offerecer é sempre para mim uma grande distracção, estou quasi crendo que se hão de ir embora de todo umas desengaçadas dôres de cabeça que martyrisão-me, desde que o meu visinho, que é do batalhão dos estropeados, comprou um pre- to barbeiro com seus principios de rabequista, para alegrial-o nas horas de descanço e atormentar a vizinhança que não partilha do seu *bom gosto*. Já me lembrei de fazer a minha criada aprender a tocar zabumba ás mesmas horas, a ver que tal vai o *concerto a duo* aos ouvidos musicaes do bom do homem. Se achar uma zabumba em segunda mão é muito possivel que ponha em pratica o meu plano.

Principiarei por dizer-vos que a estação não está ainda difinitivamente estabelecida; se no Brasil houvesse outono desde já eu fallaria nos vestidos de lã e nos mais accessorios que nos resguardão das constipações e dos defluxos, mas como isto por aqui não ha, e o inverno ainda não appareceu, estamos na chamada *transição*, e a moda em nada differe por agora. Tambem ella tem-nos sido tão apropriada estes ultimos mezes, temos tantos moldes de vestidos bonitos e elegantes, tão felizes modificações e alterações em todas as fazendas e enfeites, que não se me dá de dizer que por algum tempo ainda as mudanças e variações da moda consistirão unicamente na caprichosa perfeição dos enfeites, e no gosto requintado da fantasia e delicadeza dos estofos.

É para admirar a variavel e exquisita guarnição desses enfeites que a casa de Mme. Barat recebeu ultimamente de Paris: a arte presidida pelo trabalho do mais apurado bom gosto parece nada mais ter a fazer depois da criação de taes enfeites! Elles só por si fazem uma moda distincta.

Ao mesmo passo ao armazem Wallerstein vão

— 21 —

—161—

chegando as mais delicadas e valiosas fazendas. pela maior parte das vezes ainda não estreadas em Paris, graças á solicitude e antecendencia com que elle previne as suas remessas mensaes; a transparente casa Paquet com o seu sortimento de blondes; a de Mme. Hortense Lacarrière com a sua longa fila de lindos e bem ornados chapéos; a de Mme. Josefine, a do Castel, etc., cada uma em seu genero, attestão bem seguramente o desenvolvimento necessario do luxo e de bom-tom do Rio de Janeiro..

Por certo o mundo elegante de Paris não traja hoje melhores e mais distinctas fazendas, de que nós usamos por cá. E' decisão que já passou por julgado, e que a minha mui distincta antecessora perfeita e minuciosamente vos explicou.

E' por estas alturas, e de passagem, que eu devo estranhar o modo acerbo e intoleravel com que se offende, sem respeito ás leis, sem nenhuma razão, mais que talvez *conveniencias pessoas*, a negociantes, passivos e honestos, cujo unico *defeito* é negociarem em fazendas e objectos de luxo. Que vos importa o consumo das modas da rua do Ouvidor, se antes ainda não déstes um só passo para a civllisação do nosso paiz, se ainda não principiastes a ensinar ao povo quacs os seus primeiros deveres? Tirai-vos dessa preguiça, trabalhae, armae fabricas, fazei tecidos, vesti os nossos patricios, e então gritae contra o estrangeiro que vier depois usurpar os vossos direitos. Antes, não; porque é indecoroso insultarmos em nossa casa o hospede honrado e civil, que não nos tira, mas offerece-nos os commodos e regalos da vida á par da delicadeza e perfeição de suas obras.

Se algum d'entre elles vos chamara um Tribunal, cuidado...! não sei como podereis provar o que avançastes....

Desculpae, querida leitora, que eu vos tenha por um instante deixado só. Fui enxotar com a sola do meu sapato a um *gôzo rafeiro* que nos incommodava; masjá aqui estou para continuar o nosso artigo.

E' indubitavel que as fazendas francezas tem alcançado entre nós aquelle gráo de conceito ao qual necessariamente havião de chegar, desde que tiverão de concorrer com outras que degenerando de sua antiga perfeição e tornando-se o seu tecido apenas apparente e de pouca duração, devião ceder o mercado á aquelles que melhores manufacturas apresentassem. O pano, as casemiras, os morins de todas as larguras, os brins, as

porcelanas, as bijouterias, as sedas, as lãas e as cambraias de luxo, quem póde duvidar que as francezas são decididamente preferiveis?

Quaes são as fazendas que se apresentam em o nosso mercado revalisando com ellas, e que nos offereção um melhor attestado de sua perfeição, delicadeza, ou durabilidade? Quem não reconhece que o pano francez é hoje o mais bonito e o de mais dura? Os homens já não procurão outro pano para as suas casacas, sob ecasacas e paletots. Quem deixará os fortes e bem tecidos morins largos e as fazendas de linho, propriamente chamadas *lençarias* que nos importa a França, para irmos comprar, por menos, outras que fazem a mesma vista, mas que sómente nos durão a terça parte do tempo que aquell'outras?

Nas fazendas de luxo e de capricho não ha quem por certo as imite; seus desenhos delicadissimos, sua tintas fixas, seus diversos tecidos finissimos e uma fantasia sempre variada e presidida pelas felizes combinações do genio e do gosto, sempre elegante e artistico dos francezes, dão ás suas fazendas uma belleza e novidade a que se não póde resistir, e d'ahi provêm essa preferencia absoluta que a moda lhes dá com toda a razão.

Como são lindos os diafanos chapéos que ultimamente chegarão! As toucas suissas, e as touquinhas de detenção dos cabellos, no vestuario de andar em casa, são objectos mui bonitos, e accessorios de grande e reconhecida necessidade.

As touquinhas apenas cobrem parte da cabeça e prendem por baixo do queixo com duas pontas de tiras bordadas. São feitas das mesmas tiras bordadas, franzidas ou em pregas largas.

Vem a proposito apresentar-vos nesta occasião o nosso padrão de riscos de diversos bordados a ponto inglez, para delles fazerdes o uso que melhor entenderdes. Alguem dirá que nós de taes padrões não carecemos, hoje que temos os bordados de todos os valores e especies importado pelo estrangeiro por um custo favoravel e ao alcance de todos assim é. Mas, um proveito ainda assim eu vejo que se póde tirar destes padrões. Tenho observado que a maior parte dos collegios não cuidão dessa secção de um trabalho tão importante como é o bordado a ponto inglez, e sómente applicão as meninas ao bordado de lãa ou seda, que tambem é mui

bonito, mas não tem o destino immediato d'aquelle. Pois bem, em casa, junto de sua terna e boa mãe aprendão ellas a fazer tambem os bordados da nossa estampa,

—162—

porque la virá uma occasião em que desejarão bordar, por suas proprias mãos, um lenço para uma de suas melhores amigas, uns delicados paninhos de barba para o seu querido esposo, um collarinho ou uma polka para o extremoso filhinho, e contentes irão executar o seu intento.

Para isto ao menos servirá o nosso padrão de bordados, e me darei por feliz. Tenho tambem uma filhinha, que a tirei do collegio, por ver que se lhe não ensinavão as cousas mais uteis que eu desejo que ella aprenda para um dia ser boa mãe. A religião é ali de todo esquecida, assim como outras circumstancias de grande influencia ao futuro, para serem substituidas por frivolidades que só chegam a illudir os paes incautos; minha filhinha está pois aprendendo com sua mãe aquillo que ella lhe póde ensinar, e mais tarde, quando lhe eu tenha já firmado a consciencia e o raciocínio, virão os mestres aperfeicoar a minha obra.

Não approvaes, querida leitora, o meu proposito? Oh! por certo o haveis de approvar se tambem sois mãe.

Infante, 21 de Maio.

## AS PAIXÕES.

— —

(EXTRACTO DO DIARIO DE UM ANCIÃO)

Como és curiosa, criança!... para que te queres emmaranhar no hodiondo labyrintho do mundo! com que fito desejas levantar o véu dos mysterios de que se acha rodeado o que se chama vida?—

Queres ver, e gozar? queres amar e aborre-cer?.. Oh! não!.. concentra-te antes no teu existir de anjo; guarda, occulta aos olhos de todos a tua innocencia; concilia-te com o teu pensamento de virgem; e quando a seducção, a ignominia e a infamia se te apresentarem, foge-lhes e não lhes dês ouvidos; não creias nas suas palavras lisongeiras, no seu trajar de gala, na sua felicidade apparente: tudo é ficticio, minha Julia, tudo astucia, e ardil que o inferno gerou nas suas horas de repouso!...

Escuta: a vida é uma peregrinação limitada pela mão do Criador; o que ella em si encerra de mais bello, e de mais offuscador, é sem duvida o que se deve evitar com affinco, e de todos os precipicios o que á cada momento se abre ante os passos da virtude; é o amor, minha filha, e sa

Paixão por excellencia que *alenta*, e *vivifica* ao mesmo tempo *suffoca*, e *mata*.

« Na tua idade, desenvolve-se elle com a rapidez da seta tocada por mão vigorosa, e percorrendo uma atmosphaera limpida e pura; sobre os teus quinze annos, bellos, tão bellos como o teu rosto sereno: risonhos, tão risonhos como os teus labios côr de rosa; meigos, tão meigos como o teu coração de pomba, lança a paixão devastadora os seus primeiros alicerces; mas, antes que uma só pedra seja collocada, antes que se erga a barreira que turva o olhar e que prohibe o ouvir, a tua physionomia perderá esses traços originaes que Deus tem reservado unicamente para *as suas eleitas*; a tua voz percorrerá toda a escala do sublime para acabar rouca e enfraquecida; o teu mesmo pensamento, depois de divagar por entre as mil criações do idealismo, terá horror da realidade!... sim; porque a paixão que ora trato de descrever-te não busca a solidão !... Lá mesmo onde faz-se sentir o silencio dos tumulos.... ali onde reina a paz do sepulchro... n'aquelles centenares de disticos que significão – *passamento*, – não distingues bulicio, desordem? não lêes em caracteres negros que o amor se tem disfarçado com a marcara da amizade, e da saudade?...

– « Aqui descansão em *paz* os restos e uma mãe, ali os ultimos despojos de um pae, acolá estão de mistura uns e outros, e mais ainda os de um filho!... – E quem lhes tributa estes momentos!... quem revolve de sob a terra esse montão de pó, esses comoros de ruinas que caracterisção a importancia do homem?... – Lê Julia... é ainda o *amor*.

A mulher que ama tem perdido a paz e a serenidade da alma: entregue de continuo aos sobre-saltos que lhe causão bem ou mal fundado ciume, inquieta pelo receio de ser uma victima da inconstancia, assombrada pela linguaguem que lhe dirigem, linguagem que ella não comprehende, mas que desperta sua curiosidade, atira-se ao *pensamentear*, forja mil planos de tranquillidade, procurar refrear esse desespero que a totura, aniquilando sua felicidade, e por fim prostra-se ante os caprochos da paixãoque muitas vezes a tornão presa de loucura que o mundo reprova e estigmatisa com suas viperinas expressões, mas que não soubre apontal-as antes de serem postas em pratica.

« O homem, semelhante a um animal bravio, e feroz, não reconhece dique que se opponha á sua vontade, quando sente-se contaminado. So- «»

berbo e avaro, inclemente e enraivecido corre á medida que se atêa a chamma interna, atira-se a todos os perigos, sacrifica posição, dignidade e honra, e mais de uma vez esbarra-se com o crime para sem demora ver-se á braos com elle...

« Este quadro que ahi vês debuxado, minha Julia, nada tem de inverosimil: o amor, bem como todas as paixões que têm sua séde no coração, ou antes que abrangem o physico e o moral do ser a quem dominão, apresenta-se sempre debaixo de uma fôrma enriquecida pelos mais bellos attractivos; porém, apenas consegue apossar-se do espirito do individuo, que fraco, preston-se ás suas exigencias, torna-se arrogante e audaz, e não cede senão depois de acabrunhado por uma serie de desgostos que embotão a razão e a fazem irreconciliavel com as proprias leis da natureza.

« Attende-me; a experiencia permite-me que le illumine com as leis da verdade, e as minhas cans o attestão. Si algum dia te fôr dado a escolha entre o *amor* e *amizade*, não desdenhes o sentimento pela paixão: amizade garante um futuro esperançoso; o amor contenta-se em t'o apontar, sem que nunca o possas attingir.

Quando te fallarem uma linguagem impura e dirigida pelo cynismo do homem profuso na *arte de conquistar*, despresa-a; porque a amizade detesta a lisonga, e ama o verdadeiro.... »

Q. E. O.

## POESIA.

---

### DESCRENÇA.

Por que não creste em meu amor tão grande?

Por que do peito meu, virgem, fanaste

O affecto, que abrolhava entre suspiros!

Puro como o que a Deus consagra o justo,

Immenso.... oh! na minha alma não cabia.....

Lembrança negra,

De tanto amor, de tanto amargo pranto

Turva-me a fronte, o coração flagella....

Tudo te dei, mulher! nada mais resta-me;

Sonhos, vigílias, morte e vida e crença,

Que mais podéra eu dar-te

'Olha: a esperança,

Viçosa, como a flor que desabroxa

Pendurada no pétalo,

Desses formosos lábios teus pendia-me?

Que te custava um riso, ó minha estrella,

De loucura e de amor? desses teus lábios

Pestilento bulcão cahiu crestando

A flor, que á pouco tu a beijavas....

Por que não creste em meu amor tão grande?

Vem agora sorrir aos restos delle,

Calcal-o aos pés no terreal sepulchro,

Mulher que tanto amei!

Da noite a aragem sussurrando triste

Nos ramos da palmeira, os ais carpidos

Do môcho que povôa o cemiterio

De pavorosas sombras,

Não mais, não mais acorde o somno della!

Por que não creste em meu amor tão grande?

Por que dos olhos teus não corre o pranto

Que a mão da dôr espreme em face humana?

Por que do peito meu, virgem, fanaste  
O affecto que abrolhava entre suspiros?  
Fica-te em paz vagando em mar de risos  
Libando a taça do festim da vida

Rodeada de amantes....

Eu não vejo essas faces maceradas

Pela mão do desgosto;

Em cans trocadas a c'rôa de açucenas

Pelos vapores do prazer murchada!

Talvez que um dia embriagada tombes

Na borda de um sepulchro....

E em frios ossos repousando a face,

Prasa a Deus, não murmure a teus ouvidos

Uma voz do sepulchro estas palavras;

Sonhos, vigílias, morte, e vida, e crença

Dei-te tudo, mulher, nada mais resta-me.

Por que não creste em meu amor tão grande?

Mulher que tanto amei?

*A. Augusto de Oliveira.*

— —

Recebemos de uma das nossas assignantes os seguintes pensamentos para serem estampados nas columnas do *Jornal*; nós lhes damos a prompta publicidade de que se tornão merecedores pelo espirito e illustração que nelles revela a sua digna autora.

**PENSAMENTOS**

---



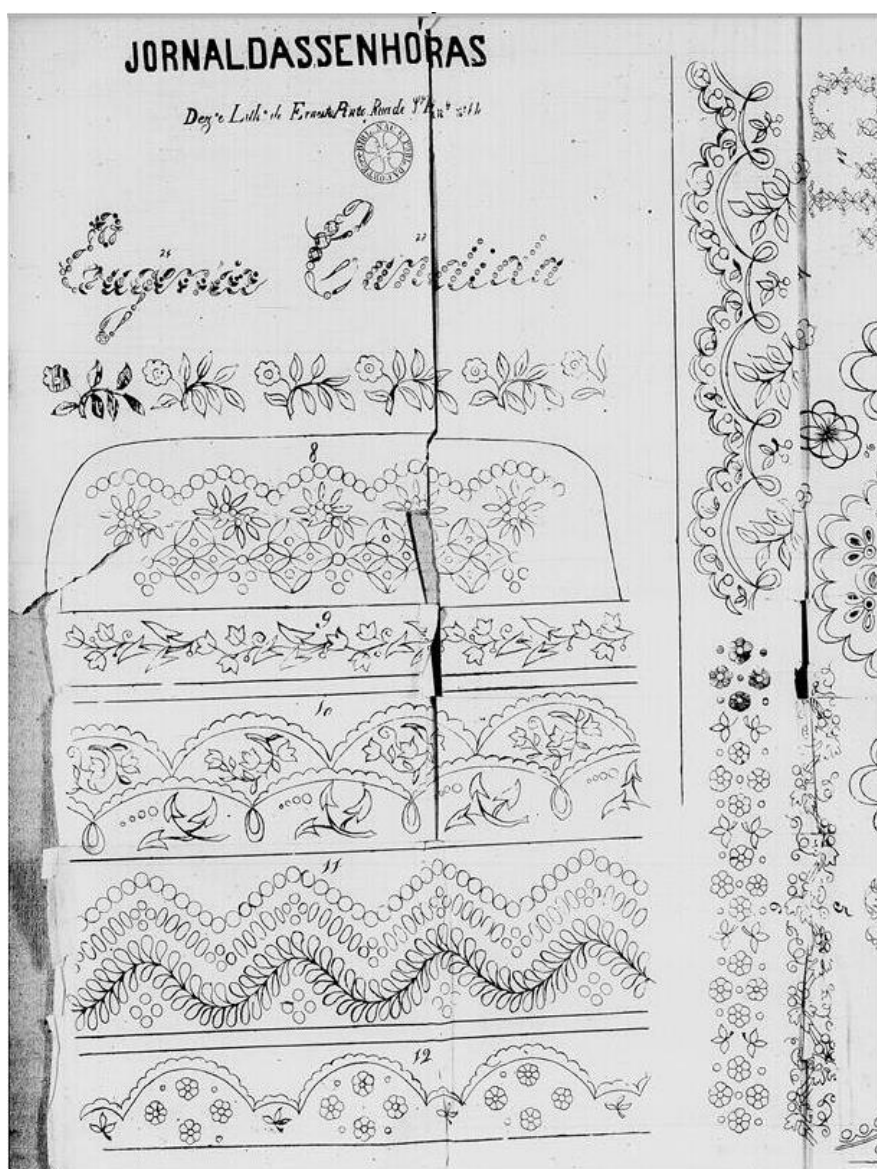
Poder viver consigo mesmo e saber viver com os outros, são duas sciencias da vida humana.

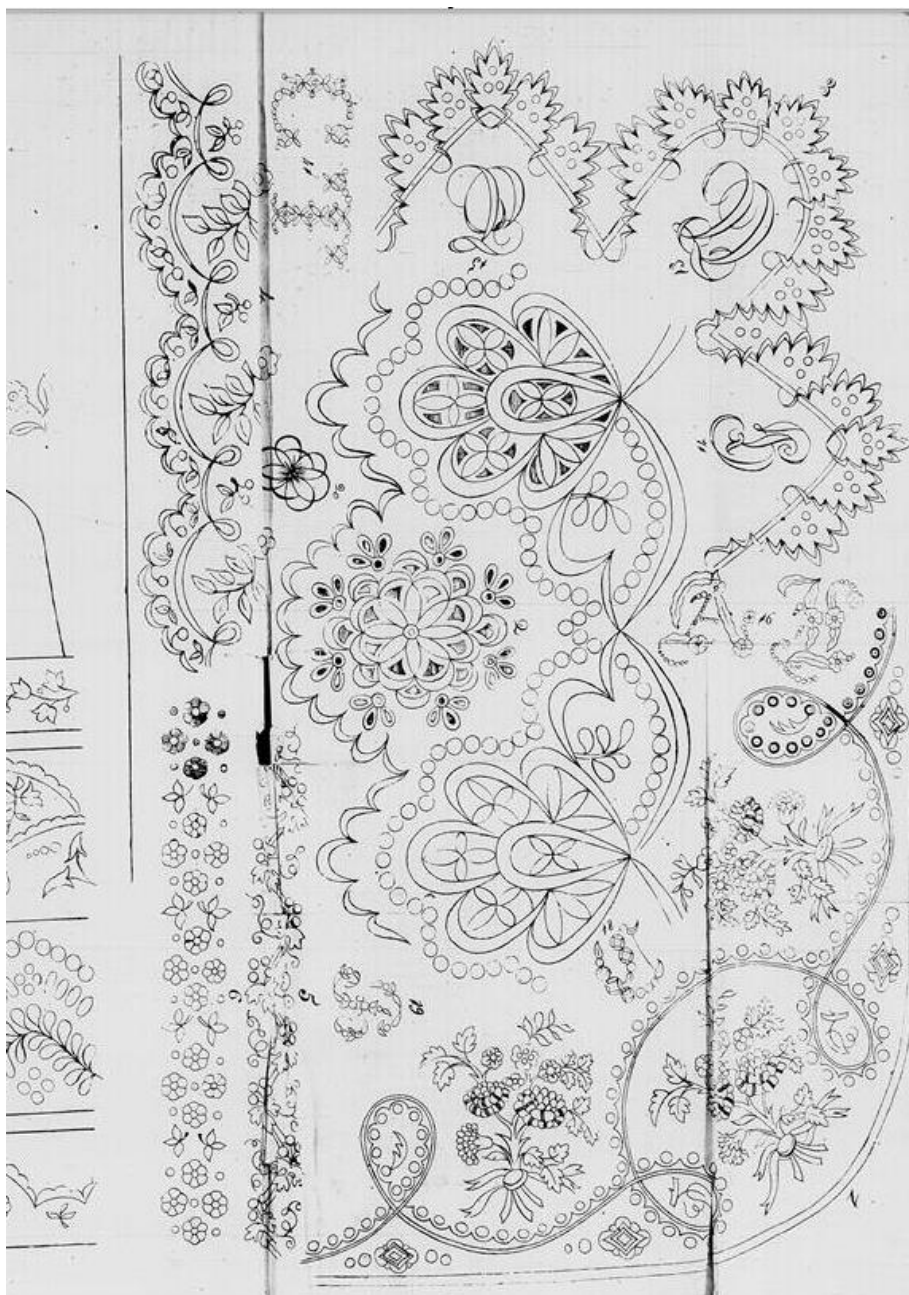
---

## JORNAL DASSENHORAS

Dez'e Lith. de Ernesto Pinto. Rua de

Eugenia Candida





A experiência não serve para as pessoas naturalmente estupidas, porque apenas avistão os factos atravez do véu lançado sobre sua intelligencia balda de conhecimentos.

---

A face humana é um quadro vivo onde as paixões se revelão com mais ou menos energia, conforme as circumstancias que influe a nossa imaginação.

---

Quando o espirito está de acordo com os movimentos da alma, a physionomia torna-se uma linguagem, cuja impressão violenta sobrepuja a vontade e nos tráo; um só traço muitas vezes basta para revelar o segredo mais occulto.

---

E' no momento de nos separarmos daquelles que amamos, que sentimos todo o valor dos instantes que nos restão a passar juntos delles, e que nos exprobramos amargamente da nossa indifferença, durante as horas em que nos privamos de sua vista.

---

São as lagrimas um verdadeiro allivio da dôr; ha occasiões entretanto em que os olhos se conservão seccos como fontes extinctas, mesmo nos maiores soffrimentos; porém, se a dôr fôr causada pela perda de um amigo cessará essa aridez dos olhos, se uma lembrança desse amigo se apresentar á nossa espirito, se um som semelhante ao accento de sua voz murmurar a nossos ouvidos!

---

Não é aos désaceis annos que a dôr resiste á influencia das distracções; o privilegio exclusivo do desespero e de sua fatal idéa fixa, não é reservado senão á idade madura.

A.....

(*Continua.*)

### **Uma louvavel reconciliação.**

---

Um hespanhol atravessava de noite uma rua de Madrid. Engolfado em cogitações importantes andava com passo vagaroso, e que poderia parecer incerto a quem o observasse.

Uma senhora chegou perto d'elle, e lhe perguntou se era estrangeiro; respondeu que não: pois se sois hespanhol, replicou a dama, vinde valer a uma desgraçada, que fugiu a seus pais, porque a querião casar contra sua vontade.

— Mas que quereis que eu vos faça, senhora?

— Que me acompanheis, se não tendes receio.

O hespanhol surriu-se, como surri um hespanhol quando lhe perguntão se tem medo, e dispoz-se a segui-la sem ter podido ainda ver-lhe a cara: atravessarão algumas ruas até que chegarão a uma casa, a cuja porta estava um menino; aproxima-se, e este novo reparador de aggravos reconheceu n'aquella criança um seu filho, e na dama, que implorava o seu auxilio, a propria esposa que elle havia pouco abandonara!

A ternura de uma esposa afflicta e desventurada, suggerira esta idéa, que foi seguida de uma reconciliação formal entre os dois conjugues.

Não obrigamos os nossos assignantes, nem mesmo os que o não são, a acreditar este caso, basta que não duvidem que foi extrahido dos jornaes hespanhoes pela

*C. Lit*

### **Feliz pretensão.**

---

Um homem de espirito, e simultaneamente muito instruido, e bastante desgraçado, cuidou que preencheria um pequeno logar, um tanto lucrativo, tão bem como qualquer turba de parvos convenientemente pagos, e que só curão de sua felicidade. Requereu um emprego; porém não tinha patrono, e é corrente que o merito só não póde proteger; gastou em balde tres ou quatro requerimentos que, segundo a velha usança, não forão presentes ao monarcha.

Cançado, impaciente, e cada vez mais pobre, lembrou-se de um estratagemma, que não seria indigno de um cortezão. A necessidade ás vezes

— 165 —

é mãi de idéas felizes, e elle escreveu com todo o cuidado um pequeno bilhete, que dirigiu a S. M. o rei de Roma. Pedia um emprego de seis mil francos, o que era muito modesto.

Com o coração pálpitando de esperanças, foi em busca de um official general, familiar á pessoa do imperador; confessou-lhe o apuro em que se achava e mostrou-lhe o bilhete, e disse-lhe « Senhor, farieis ainda uma acção generosa, e grangearieis direito á minha eterna gratidão, se me facilitasseis o meio de entregar este papel ao imperador. » O general que era tão tratavel como valente, levou o peticionario á presença de Napoleão.

O imperador tomou o bilhete, e reparou no endereço e ficou agradavelmente surpreso. — Senhor, disserão-lhe, é uma petição a S. M. o rei de Roma. — Muito bem! respondeu o impe-

rador; levem a petição a seu destino.... O rei de Roma tinha então seis mezes. Quatro camaristas tiveram ordem de conduzir o requerente á presença da pequena magestade. O solicitador não se acanhou; via sorrir-lhe a fortuna. Chegando-se ao berço do principe, desenrolou o papel, e deu delle leitura em alto e bom som, depois dos mais respeitosos cumprimentos. O menino-rei balbuciou alguns sons durante a leitura, e não respondeu á supplica. O cortejo saudou o pequeno monarcha, e o imperador perguntou que resposta tinha havido.

« Senhor, S. M. nada respondeu. »

« Quem cala consente, respondeu Napoleão; está despachado como requer. »

A. P.

### **Modo de governar os homens.**

A arte de pôr em acção a maquina de cada individuo, consiste em pesquisar qual é a sua paixão mais dominante e forte. Achada ella, póde-se dizer que está descoberto o segredo e a mola real do seu movimento. Aquelle que tiver a vista aguda e penetrante, e um tacto fino edelicado para distinguir as paixões dos homens, os poderá conduzir, sem duvida, por cima das maiores difficuldades. O homem, e ainda o bruto, levado por força, está sempre em continua luta e resistencia; levado porêem pelo caminho da sua paixão, elle segue voluntariamente, e muitas vezes corre adiante daquelle que o conduz, sem jámais temer, ne mainda os horrores da morte.

*Ensaio economico.*

### **Epigramma a um homem disforme.**

Se amas a ti mesmo, caro Aronte,

Foge, amigo, do espeçho, foge á fonte,

Que assim como Narciso

Já succumbiu de amor,

Tu de te ver tão feio

Pódes morrer de horror!

### **Epitafio.**

Aqui jaz a famosa --- Branca flor,  
Que na lingua possuia tal vigor,  
Que delle usava sempre a toda hora;  
Tanto, que o fallatorio era maior  
Que o silencio em que está a triste agora.

### **Madrigal.**

Quando me déste uma flor,  
Eu te dei meu coração;  
Para o jogo ser o mais vario  
Façamos hoje o contrario.

### **Epitafio.**

Eu sei que sobre a terra nú nasci,  
E neste tumba, nú, estou no fundo!  
Assim fui na viagem pelo mundo.  
Nem ganhei nem perdi!

*Traduzido do italiano.*

### **MISTERIOS DEL PLATA. (‘)**

---

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A história não é outra cousa que a relação desta interminavel lucha.

MICHELET, Historia da França.



## A MASHORCA.

Foi este o primeiro nome debaixo do qual se formou esta sociedade, que mais tarde, se outorgou a si mesma, em fôrma de conceceração, o pomposo titulo de *Sociedade Popular Restauradora*.

Receptaculo, no principio, de todos os vagabundo, jogadores e revoltosos, foi mais tarde, nos dias de terror, o refugio de uma porção de homens laboriosos e honestos, que para escapar dos proprios furores da Mashorca nelle se refugiárão.

Pela época em que narramos estes acontecimentos, a Mashorca não tinha ainda a impor-

(\*) Vide o n. 20.

— 166 —

cia aterradora, que consignou a historia dos seus attentados em paginas infernaes.

N'aquelle tempo a missão da Mashorca estava circumscripta a dar gritos de-morras e vivas, apedrejar as casas, dos que erão classificados de Unitarios, e a fazer assuada pela cidade acompanhada de musica e de foguetes.

Vamos pois descrever uma das suas assembléas, na noite do dia em que o Dr. Alsina desceu agrilhoado á uma das mais profundas prisoes do Ponton.

Conduziremos os nossos leitores á uma grande casa terrea, como o são vulgarmente na America Meridional; esta já era muito antiga, estava suja e ameaçando ruma: era situada em uma rua afastada dos bairros de primeira ordem a que chamavão ainda n'aquelle tempo « *La calle del juego de Pelota*. »

A Mashorca que durante o dia percorreu as praças e as ruas, gritando-morras e vivas, apedrejando e dando a triste povoação o espectaculo degradante da desordem e do escandalo; a Mashorca, estafada, faminta e rouca, mas sempre gritando e apedrejando, toma o caminho do club central da sociedade situado na casa de que acima fallámos.

Grandes assados de carne com *cuero*, immensos espetos carregados de chouriços, garrafoes de vinho catalão e outros de aguardente de canna, e innumerous cestos de pão, reduzido ao seu mais pequeno tamanho pelo resultado da prohibição da importação das farinhas, era tudo o que fazia o banquete da Mashorca.

A musica e a populaça, ficarão na rua ou se espalharão nos patios; e os socios penetrarão nas salas immundas, toscamente mobiladas e mal illuminadas com ignobeis velas de sebo, onde ja estavam promptas as mesas.

O triumvirato que fomentava e presidia a Mashorca n'aquella epocha, era composto de tres homens, cujos feitos deixarão após si rastos sanguinosos e inapagaveis na recapitulação das ephemerides de Rosas.

Os nomes d'esses sujeitos erão.

Salomon, Parras e Coitinho,

Vamos descrevel-os.

Salomon, presidente da Mashorca, antes de immortalisar-se nos annaes da época do terror, já era celebre nos fastos matrimoniaes, e fruia a bella reputação de *enterrador de mulheres*, tinha-se casado quatro vezes.

Na escala social Salomon pertencia á honrada corporação dos taverneiros; em quanto a sua origem, fluctuava indecisa entre diversas castas, pela qual razão Salomon não era nem branco, nem preto, nem mestiço, nem indígena, sendo isto tudo de uma vez, porque tinha em si immensas ramificações.

O seu rosto, a sua figura, e o seu vestuario, harmonisárão-se com as duas faces do seu ser.

Como individuo – escoria; como espirito – ninguem.

Corpo de patife, cabeça de idiota e alma de demonio, se houvesse de individualisar-se o peccado, Salomon seria um excellente modelo.

Parras, era um pardo colossal, que de seu im-

Mundo serviço, tinha sido transportado aos salões do club mashorquero; e de criado de açougue, transformado em coronel da federação de Rosas.

Na brusca metamorphose que se opéra no seu destino, Parras conserva parte dos seus habitos antigos e adopta outros ainda mais analogos á sua posição actual.

Na época de Rosas, essas transformações tem abundado!



Um ente tão estúpido e vulgar como Parras, nada de curioso offerece a estudar na sua physionomia brutal e feroz, mas o seu trage é tão extraordinario que não podemos resistir á tentação de descrevel-o.

Como já o dissemos, Parras, é um homem colossal, mas não tanto pela altura, como pela força das fórmas herculeas.

Não obstante o desejo immenso de usar botas e calças; o seu pé chato e sem feitio permanece descalço: as calças lhe são insuportaveis, e força tem sido conservar a larga siroula e o *chiripá* que desde a sua elevação ao posto de coronel, elle usa de rico chales de cachemira vermelho: uma jaqueta militar, com as competentes dragonas de coronel, abotoa um só botão no meio, deixando assim perceber o peito do hercules mashorqueiro mal cuberto pela sua engordurada e immunda camisa, que por antigo costume Parras muda de mez em mez; os collarinhos cáem sobre a gola bordada da fardeta, porque seu dono nunca soube que cousa fosse uma gravata.

Larga faixa de seda carmezim cinge sua corpolenta cintura e sustenta atravessado um largo e cortante punhal.

Na sua cabeça, que nunca conheceu o pente e o asseio, sustenta-se pelo adjutorio de uma fita, que lhe passa por baixo do queixo, um rico chapéo armado, ornado de lindo pennacho vermelho.

Sujo, grotesco e feroz, o coronel Parras era um dos heróes da Mashorca.

Coitinho, campeão mashorqueiro e coronel de Rosas, tambem reunia a estes empregos o de juiz de paz; era tambem uma criatura popular, que achava mais commodo viver gritando, açoutando e apedrejando, que viver amarrado á tripeça de sapateiro, seu antigo officio.

A casa de Coitinho foi na época do terror o matadouro horrivel, onde conta a tradição que degollavão-se os homens serrando-se-lhes o pescoço.

Mais instruido, que os seus outros dois collegas de quem já fallámos, Coitinho sabe soletrar o alfabeto sofrivelmente, conta pelos dedos até cem: e classifica os estrangeiros, ou *gringós* como ali os chamão em — *carcamanos*, *godemis* e *futres*: o que faz dizer aos mashorqueiros que Coitinho fa la *Gringó* perfeitamente. Pelo de mais é tão estúpido e grotesco como os outros dois membros do triumvirato, e o mais feroz de todos.

Coitinho era um homem baixinho, magro, pallido, de frente deprimida, de nariz quebrado, olhos pequenos de porco e beiços finos: o cabello chegava-lhe quasi até ás sobrancelhas que erão mal formadas e escassas: seus olhos conser

— 167—

vavão um circulo vermelho em roda; e á luz da noite como do dia, Coitinho tem uma cabeça e uma cara de morto ou de vampiro, que faz estremecer qualquer que o estude com vagar.

No momento em que vão assentar-se á mesa, o ajudante Corvalan atravessa os salões trazendo pela mão um moço, que apresenta á sociedade como um neophito, de ordem de S. Ex. o Sr. governador.

E' Julião Fabre o apresentado; e Corvalan orgulhoso de sua missão, esquece que n'aquelle momento a traiçoeira cabelleira lhe cáe sobre o olho e o ouvido direitos, que desaparecêrão completamente debaixo da desinquieta traidora!

Não obstante o seu estado de pertubação, Corvalan acompanha as primeiras saudes.

A' saude de S. Ex. o illustre restaurador!

Ao triumpho da santa causa da Federação, e ao exterminio dos Selvagens Unitarios!

A ultima saude é dirigida ao joven protegido de S. Ex. e com esta saude conclue Corvalan a sua missão, retirando-se em extrema preocupação, decidido a consultar os melhores medicos, a respeito da falta total do olho e do ouvido que lhe faltão.

A ceia principia, a musica toca á meia canha (1) e a populaça brama e apedreja á direita e esquerda.

Quando as frequentes libações acabão de atordoar aquellas cabeças excitadas já de antemão por um dia inteiro de passeio frenetico e sem objecto, Coitinho, que toda a noite parece meditar um grande designio, trepa sobre a mesa, da qual occupa a cabeceira de honra, e de copo na mão annuncia a seguinte allocução.

« Amigos e senhores! Viva o illustre restaurador das leis!

—Viva!! responde a Mashorca.

« Viva a federação!!

—Viva!! respondeu a Mashorca.

« Morrão os Selvagens Unitarios!

– Morrão!!!! responde a Mashorca, com accrescimo de furor!

« Amigos e senhores! justiça! justiça tremenda! vingança sem treguas nem piedade! somos o brinquedo dos Selvagens Unitarios, sabeis onde trazem a devisa infame do seu partido? no rosto mesmo! a suissa fechada no queixo

(1) Ar popular da era de Rosas.

Forma um – V – natural, e quer dizer Unitário!

– Abaixo as suissas serradas! clamou a Mashorca!

Quando acalmou a furia das feras, Coitinho proseguiu.

« Sim senhores, esses immundos e Selvagens « Unitarios, escarnecem de nós e ostentão sua « devisa na mesma infame cara!!!! E consentire- « mos nós tal ultrage á santa causa que defendemos?

« Não! mil vezes não; a causa da ordem, das « leis e da independencia d'America, não ha de « ver-se assim ameaçada e escarnecida pelas horrendas barbas dos Selvagens Unitarios. Senhores « desde este momento solemne juremos odio e « guerra, sem treguas, ás barbas dos Unitarios!

– Abaixo as barbas! Morte a quem resistir!!

Este juramento infernal, formulado por Coitinho, foi repetido em coro pela Mashorca.

O orador proseguiu.

« As Unitarias, essas atrevidas revoltosas, tam- « bem escarnecem de nós, como não tem barbas, « tirão a carreira do cabello formando bico; di- « zem ellas – *qual bico nem historia*. – é o – V – « que ellas querem, as parrecidas! Nas pernas com « as fitas dos sapatos, tambem ha arte de cruzar « e fazer – U para cima e V para abaixo – além « disso prohibiu-se a côr azul, não fazem caso; « mandou-se-lhes usar laço vermelho na cabeça, « não querem!! Pois amigos, se isto é assim, « para os homens punhal! para as mulheres ver- « galho! e laço pregado com breu!

Gritos de furor e de morte respondem ao ora-dor, e todos querem precipitar-se fóra da casa, para dar principio á grande obra, cujos instrumentos são o punhal e o vergalho!!!!. Mas a ceia tem-se prolongado até mais de meia noite; a esta hora, não ha cabeças a cortar nem frageis

mulheres a castigar, por consequencia pela cidade deserta, torna a Mashorca a passear com a musica, e a populaça gritando, apedrejando, e quasi todos ebrios de furor e de vinho!!..

*(Continua.)*

— —

Acompanha este numero um Padrão de differentes bordados, a ponto inglez e a ponto de marca.

---

### **JORNAL DAS SENHORAS.**

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom, em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú nou terna, modinha brasileiras, romances francezes em musica moldes e padrões de bordados.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN. n. 70, A. E. F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDECIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: por tres mezes 3U000 rs. Na Côrte, 4U000 rs. Para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

---

Rio de Janeiro-Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.